

Luis Unceta Gómez y Carlos Sánchez Pérez (eds.), *En los Márgenes de Roma. La Antigüedad Romana en la Cultura de Masas Contemporánea*. Madrid: UAM Ediciones; Los Libros de la Catarata, 2019, 304 pp.; ISBN: 978-84-9097-869-6.

EMÍLIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA⁴ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

Editado por Luis Unceta Gómez e Carlos Sánchez Pérez, o livro em epígrafe consiste numa ampla e aturada reflexão sobre a receção da civilização romana na cultura de massas contemporânea. Como referem os editores na “Presentación” (pp. 9-13), este volume reúne uma série de estudos de temática variada, centrados em formas de expressão tão diversas, “como las literaturas populares (histórica, de terror, infantil y juvenil), el cine y la televisión, el cómic, los videojuegos, la música popular e incluso la interpretación de los héroes romanos desde la perspectiva empresarial” (p. 10). A leitura das cerca de trezentas páginas que o compõem permitirá ao leitor constatar a riqueza e a multiplicidade de apropriações e reelaborações de que a cultura romana vem sendo objeto no mundo ocidental.

O livro encontra-se estruturado em cinco partes, que correspondem, na verdade, a diferentes blocos temáticos. A Primeira Parte, “Introducción: El Papel de Roma en la Imaginación Popular”, é exclusivamente constituída por um capítulo de carácter introdutório, da autoria de Luis Unceta Gómez — “El epítome como representación del original. Algunos ejemplos del diálogo posmoderno entre la cultura popular y la antigua Roma” (pp. 15-35). Nele, o editor caracteriza as dinâmicas contemporâneas de apropriação e recriação da herança clássica (pp. 17-18), associando-as ao fenómeno cultural da “posmodernidad” (pp. 18-19) e ao conceito de “cultura popular” ou “cultura de massas” (pp. 19-21). Contextualizando, assim, o papel dos clássicos na atualidade, identifica ainda três modos possíveis de receção ou representação da civilização romana (pp. 24-28) — receção mediada, receção inversa e receção como representação do original — para, depois, propor um novo modelo de análise dos clássicos na cultura de massas contemporânea

⁴ emilia.oliveira@ua.pt. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.

(pp. 28-35), que implica “abandonar la clave horizontal en la que solemos conceptualizar el devenir cronológico para pensar en términos verticales”.

A Segunda Parte, “Guerras e Imperialismo” (pp. 37-105), evoca uma das facetas mais conhecidas do povo romano: o seu belicismo imperialista. No primeiro capítulo, que corresponde, na realidade, ao Capítulo 2 do livro, “*Heavy Rome — Roma de metal. La imagen de Roma en el heavy metal y la metal*” (pp. 39-62), Helena González Vaquerizo analisa os fenómenos e dinâmicas da receção da Antiga Roma na cultura popular, a partir da imagem que algumas bandas *heavy metal* projetam da Urbe como sede de um império simultaneamente glorioso e decadente. Este capítulo estuda também a apropriação da Antiguidade com objetivos ideológicos (divulgação de orientações políticas e defesa de nacionalismos distintos), isto é, investiga o modo como a música dessas bandas se presta à construção de identidades nacionais, em que os indivíduos se identificam, umas vezes, com os Romanos vencedores, outras, com os “povos bárbaros” submetidos por Roma. Por sua vez, Cristóbal Macías Villalobos, no capítulo “Videojuegos de romanos: entre la realidad y la ficción” (pp. 63-85), reflete sobre os modos de representação da Antiga Roma em alguns dos videojogos mais populares surgidos nos últimos anos (a maioria são jogos de estratégia, alguns, de ação-aventura) e discute o conflito que resulta da dicotomia entre fidelidade histórica e compromisso com a ficção, para concluir que, independentemente de a verdade histórica ser mais ou menos respeitada, produções deste tipo são de grande utilidade para o estudo da receção do mundo clássico, pelo que os docentes “de las Ciencias de la Antigüedad” poderão “aprovecharlos com un fin formativo”, sobretudo para despertar o interesse pelo mundo clássico em alunos desmotivados para o estudo.

No capítulo que encerra este segundo bloco, “Imperios fantasmáticos. La Roma imperial en *Mundodisco* de Terry Pratchett” (pp. 86-105), Juliette Harrison e Martin Lindner analisam a receção do imperialismo romano na célebre saga daquele escritor inglês como estratégia usada para criticar o imperialismo britânico. Como afirmam os autores deste capítulo, “la versión de Roma del *Mundodisco* es un reflejo de la propia identificación personal británica: la asociación mental del (antiguo) Imperio británico com el Imperio romano y los “dolores fantasmáticos” generados por su pérdida”.

Na Terceira Parte — “Roma Espectacular” (pp. 107-176) — aborda-se a receção de uma faceta mais lúdica da Urbe. No capítulo “Danzas de alteridade. Mujeres bombásticas y cine de romanos” (pp. 109-133), Zoa Alonso Fernández estuda a representação do corpo feminino em filmes cuja ação tem por cenário a Antiga Roma (sobretudo os produzidos em Hollywood nas décadas de cinquenta e sessenta), através de danças coreografadas que contribuíram para a construção de estereótipos que vão muito para além do grande ecrã. No capítulo seguinte, “Transformaciones de la comedia plautina en *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum*, de Richard Lester” (pp. 134-150), Leonor Pérez Gómez examina a presença dos elementos chave da comédia plautina na obra cinematográfica do realizador americano radicado na Grã-Bretanha, nas palavras do próprio autor, “una original reescritura y síntesis de diversas comedias de Plauto, dramaturgo de los siglos III-II a.n.e.”. O capítulo “Plauto, personaje de novela histórica” (pp. 151-176), de Rosario López Gregoris, centra-se em dois romances históricos espanhóis de tema clássico — *Sónnica la cortesana* (1901), de Vicente Blasco Ibáñez, e *Africanus: el hijo del cónsul* (2006), de Santiago Posteguillo — que têm em comum a presença de Plauto, o célebre comediógrafo latino do século II a.C., como personagem. Tratando-se de uma figura história pouco habitual neste género literário, reflete a autora sobre as causas “tanto de género como de contexto” que ajudem a explicar a inclusão do autor de comédias nas duas obras, para concluir que a mesma, ao invés de ser uma coincidência, se ficou a dever a laços de filiação direta entre ambas as novelas, não obstante o seu desenvolvimento, objetivos e público serem muito distintos.

O terceiro bloco temático (pp. 177-260) é dedicado às grandes figuras históricas e lendárias de Roma. No primeiro capítulo, que tem o sugestivo título “¿Contratarías a Eneas como director general de tu empresa?” (pp. 179-199), José María Peláez Marqués, depois de descrever as funções desempenhadas por um diretor empresarial — estratégica, executiva e de liderança — e as competências necessárias para a ocupação do cargo — estratégicas, de liderança e de eficácia pessoal —, questiona se o fundador mítico de Roma, Eneas, cumpriria os requisitos exigidos, aplicando, para tal, os critérios de seleção atualmente usados pelos departamentos de recursos humanos. Conclui, depois, que contrataria o herói como diretor geral da sua empresa, já

que “Eneas, por sus capacidades, se adecúa perfectamente a las funciones del puesto y es además, por sus valores, el empleado más honesto, fiel y cumplidor que un presidente pueda esperar.” Os dois textos seguintes versam sobre a figura de Júlio César. No primeiro, “Julio César en viñetas: una vida de cómic” (pp. 200-223), Julie Gallego descreve exaustivamente o tratamento que a figura do estadista romano recebeu na banda desenhada histórica francesa, chamando a atenção do leitor para a progressiva complexidade e valorização das sucessivas recriações de que a figura de Júlio César foi sendo alvo. Por sua vez, Jesús Bartolomé Gómez, no capítulo “La ficcionalización de los personajes históricos en la serie *Spartacus*: el ejemplo de Julio César” (pp. 224-241), explica em que medida o tratamento da figura de César na série televisiva se apresenta como original e inovador em relação às fontes clássicas e à tradição audiovisual anterior, para, depois, aventar as causas que poderão explicar essa diferença: “El hecho de que la serie se centre en la parte de su vida menos tratada por los historiadores y las producciones cinematográficas facilita el empleo de las licencias que los creadores se permiten. (...) los guionistas, partiendo de datos transmitidos por las fuentes (tratados o reinterpretados con mucha libertad) o de hechos puramente inventados, crean una figura que, si bien no resulta verosímil de acuerdo con la mentalidad romana, lo es, al menos, dentro del marco de la obra y para un público sin unos conocimientos históricos sólidos.” Já o estudo de Antonio María Martín Rodríguez, “Imágenes de Roma en un *bestseller* reciente sobre Espartaco (*Spartacus*, Ben Kane, 2012-2013)” (pp. 242-260), tomando por fonte a dilogia do romancista Ben Kane, centra a sua análise na construção da personagem do rebelde trácio e na representação da vida quotidiana em Roma.

A quinta e última parte deste livro é dedicada à língua dos Romanos — “El Poder del Latín” (pp. 261-299). Ana González-Rivas Fernández, no capítulo “M. R. James: el latín o el poder de lo sobrenatural” (pp. 263-282), reflete sobre a utilização desta língua clássica como recurso narrativo e estratégia definidora da literatura de terror da autoria do britânico Montague Rhodes James (finais do século XIX). A partir da análise da presença de expressões em Latim numa seleção de contos do autor, em que o modo como funcionam do ponto de vista pragmático (atos de fala) e narrativo (desenvolvimento da ação e caracterização) alcança especial destaque, a estudiosa

explica de que maneira o Latim adquire um valor simbólico como representação do sobrenatural que vai muito para além das narrativas do britânico, “pues es consecuencia directa de una estética finesecular en la que se reelaboran conceptos como lo clásico, lo medieval y lo decadente, a la vez que se construye el concepto de “literatura latino-cristiana””. De modo semelhante, Carlos Sánchez Pérez discorre “La recepción del latín como lengua mágica en las novelas de Harry Potter” (pp. 283-299). Segundo o estudioso, na saga de J. K. Rowling, a língua latina, pela sua distância em relação à língua comum, converteu-se num instrumento para provocar a sensação de estranheza ante o maravilhoso. A sua função é puramente estética, sobretudo pela sua ligação com a linguagem da Igreja, do sagrado e do antigo. Mas esta interação não passa “por representar el latín de manera canónica”, mas por inventar e cunhar termos morfológica e foneticamente próximos da língua latina, embora incorretos. O autor do último capítulo do volume acaba por concluir que a peculiaridade do uso do Latim como língua mágica nos livros de Harry Potter se deve à influência da tradição ocultista britânica, mas também da literatura fantástica de Ursula K. Le Guin: “La combinación de ambos elementos provoca un notório desequilibrio y confiere al latín una dosis extra de exotismo”.

A fechar o volume, surge uma breve apresentação dos autores dos trabalhos aqui apreciados (pp. 301-302), que se revela igualmente útil, na medida em que permite ao leitor tomar conhecimento das áreas em que se tem vindo a desenvolver a sua investigação. Úteis são também as referências bibliográficas localizadas no final de cada capítulo.

Em conclusão, o livro em recensão reúne uma série de textos que confirmam a pervivência dos clássicos na cultura de massas contemporânea e ilustram a pluralidade de apropriações e reinterpretações de muitos e diversos aspetos da cultura romana: entre outros, o belicismo imperialista, o poder, a glória, o heroísmo e o entretenimento popular, mas também a violência, a decadência e a lascívia. A forma original e inovadora como os autores do volume abordaram a influência do passado romano na cultura popular ocidental leva-nos a considerar plenamente cumprido o objetivo a que se propuseram: superar a distância entre o estudo académico da Antiguidade Clássica e o grande público.